

## LIÇÃO 3

# A CONSAGRAÇÃO DO SACERDÓCIO

**TEXTO ÁUREO:** “E santificarei a tenda da congregação e o altar; também santificarei a Arão e seus filhos, para que me administrem o sacerdócio” (Ex 29.44).

**LEITURA BÍBLICA: LEVÍTICO 8.1-11**

### INTRODUÇÃO

Na lição de hoje estudaremos outro elemento fundamental do culto a Deus oferecido pelos israelitas, sem o qual não seria possível a realização dos sacrifícios prescritos nos primeiros capítulos de Levítico: o sacerdócio arãonico. Veremos que, mais do que um aspecto transitório do primeiro concerto, e mais do que minúcias rituais com significado simbólico, o sacerdócio revela o papel indispensável de um mediador nas relações entre Deus e os homens e a provisão divina para suprir essa necessidade.

### I – A IMPORTÂNCIA DO SACERDÓCIO NO CULTO A DEUS

Para compreender o significado transcendente do sacerdócio no culto divino, queremos voltar a um ponto apresentado na lição anterior, a respeito das ofertas sacrificiais. Ali consideramos que a necessidade de *propiciar* ao Todo-poderoso só pode ser satisfeita através de uma oferta – e, em particular, uma *oferta de sangue*. Mas aqui avançaremos um pouco mais na compreensão das verdades espirituais desvendadas na instituição do culto levítico para afirmar que, *sem um sacerdócio mediador*, nenhuma oferta dos homens seria aceita por Deus. Ora, o Senhor desejava *aproximar* mais os Seus filhos de Si do que o fez em relação aos pais, e não afastá-los, conforme expresso nos termos do concerto no Sinai: “*e vós me sereis reino sacerdotal e povo santo*” (Ex 19.5-6). Mas lembremos que os termos desse mesmo concerto incluíam uma condição que os israelitas dificilmente cumpririam, e que serviria mais para conscientizá-los da sua própria pecaminosidade. Eis porque o culto levítico era indispensável à manutenção da comunhão de Israel com Deus: nele tinham as ofertas pelas quais o Senhor, ofendido pelo pecado, seria *propiciado*; e agora, conforme estudaremos, teriam também o *sacerdócio*, pelo qual as ofertas poderiam ser apresentadas e *aceitas* por Deus.

Em resumo, o sacerdote era um *representante* do povo de Deus, um homem especialmente e divinamente designado para apresentar-se diante da santidade divina em tal condição que pudesse ser recebido, em sua justiça e santidade própria, como um *fiador* dos seus representados pecadores, e as ofertas destes então aceitas e a graça dispensada em favor deles. Era uma honra, de fato, que fazia do sacerdote uma espécie de *salvador* da nação, pois graças ao seu constante e fiel serviço a paz com Deus era preservada para o benefício de todos; mas também era uma grande *responsabilidade*, pois o sacerdote devia *compadecer-se ternamente* dos pecadores, haja vista que os ofícios propiciatórios deviam ser repetidos diariamente – como se todos os dias ele tivesse de voltar até Deus para apaziguá-lo em relação ao povo sempre ofensor. E, se não podia ser ele mesmo diferente dos seus irmãos, devia pautar sua vida em um rigoroso rito que prescrevia seus movimentos, sua alimentação e as vestes que deveria portar como um simbolismo da santidade e justiça que Deus requeria do povo para sua aceitação (cf. Hb 5.1-3; Ex 28.1-2, 12, 29, 40-41, 43).

### II – A CONSAGRAÇÃO DE ARÃO E SEUS FILHOS AO SACERDÓCIO (Lv 8-11)

Arão e seus filhos já haviam sido designados por Deus para o ofício sacerdotal por ocasião dos primeiros quarenta dias e noites que Moisés havia passado no monte Sinai, onde recebeu as ordenanças quanto à construção do tabernáculo. Edificado, pois, o santuário e estabelecida a lei das ofertas, o próximo passo no estabelecimento do culto divino é a investidura de Arão e seus filhos no ofício divino,

habilitando-os a cumprirem as funções sacerdotais. O ritual da consagração seria presidido por Moisés e se resume na lavagem com água de Arão e seus filhos, depois vestidos com as vestes santas – sendo que Arão, em particular, é ungido e vestido com os ornamentos do sumo sacerdote – e então oferecidos os seguintes sacrifícios: expiação do pecado, holocausto, sacrifício pacífico e a oferta das consagrações. Em seguida, os sacerdotes são aspergidos com o sangue das ofertas e isolados por sete dias no tabernáculo, para sua consagração (Lv 8.1-7, 33-36).

Findos os sete dias, Arão e seus filhos passam a exercer oficialmente o ofício sacerdotal. Moisés, conforme ordenado pelo Senhor, orienta-os sobre como deveriam executar suas funções diárias naquele primeiro dia, e dali pelos séculos adiante, ao longo de muitas gerações dos descendentes de Arão. Deveriam primeiramente realizar sacrifícios em seu próprio favor, antes de realizá-los pelo povo, pois eram por natureza igualmente pecadores. E somente aqui se determina uma ordem específica na apresentação das ofertas: *expiação pelo pecado* era a primeira, pois o pecado não nos permite ser aceitos por Deus (Is 59.1-3, 11-12); *holocausto* devia ser oferecida depois, pois o pecado havia sido expiado e o ofertante se entregar inteiramente a Deus; e em seguida as ofertas que celebravam de diferentes maneiras a comunhão e alegria com Deus, como a *oferta de manjares* e o *sacrifício pacífico*. Notemos ainda que, depois de expiados e consagrados separadamente do povo, os sacerdotes se uniam a toda a nação nas demais ofertas. O agrado divino em relação ao fiel cumprimento do ritual levítico se manifesta então através da glória visível do Senhor enchendo o tabernáculo (Lv 9.23-24).

Contudo, esse tempo ainda terminaria de forma lamentável. Presumindo que a visível satisfação de Deus fosse pretexto para liberdade de agir segundo sua própria vontade, Nabade e Abiú, agindo em desacordo com o rito e introduzindo um elemento de fora do santuário – brasas que a Escritura denomina “*fogo estranho*” (cf. Lv 16.12). A reprovação divina se manifesta imediatamente, ambos sendo consumidos pelo fogo do Senhor, e Arão e os demais sacerdotes sendo repreendidos e exortados quanto à santidade e gravidade do seu ofício.

### III – CRISTO JESUS, NOSSO SUMO SACERDOTE

Assim como em relação aos sacrifícios, o propósito do sacerdócio araônico era encerrar, sob a forma de um ofício ministrado por homens fracos e limitados, o papel indispensável do mediador entre Deus e os homens que se cumpre única e perfeitamente na pessoa de Cristo Jesus (1 Tm 2.5). Ele foi, de fato, tomado dentre os homens, assim como Arão e seus filhos, e em tudo feito semelhante a nós, e por isso conhece nossas aflições e pode ser nosso *representante* (Hb 2.16-18). Ao mesmo tempo, por ser o Filho de Deus, não esteve sujeito à contaminação do pecado, e pela Sua obediência perfeita, pode comparecer diante do Pai e ser *aceito* em nosso lugar, como nosso fiador (Hb 7.18-22). Através da ressurreição, Jesus entrou uma vez na presença do Pai, realizando a nossa propiciação, e ali permanece eternamente, assegurando nossa *eterna aceitação* diante de Deus e, mais ainda, o nosso próprio acesso ao céu, o verdadeiro santuário, através d’Ele (Hb 7.23-28; 9.11-15, 24-28). Deste modo se cumpre o propósito de Deus manifesto já no Sinai, mas cuja realização foi limitada naquele tempo pela imaturidade do povo; agora, identificados e apoiados na obra sacerdotal perfeita de Cristo, nós nos tornamos um *sacerdócio real*, e nossas vidas e serviço são aceitos por Deus como *sacrifícios de louvores* (cf. 1 Pe 2.4-5, 9-10).

### CONCLUSÃO

Mais uma vez aprendemos uma grande verdade espiritual revelada no livro de Levítico, sem a qual não poderíamos conceber a nossa salvação. Jesus Cristo é o nosso único Sacrifício e também nosso sumo Sacerdote – todo o mérito pertence a Ele, pois Ele fez tudo o que era necessário para que pudessemos ser aceitos de novo pelo Pai. Sejamos gratos e felizes com tão grande privilégio, oferecendo, como sacerdotes que agora somos, sacrifícios de louvor sinceros e puros a Deus.